

A propósito de "Regressos", páginas ilustradas de António Jorge Barros * António Martinho Baptista

Recordo sempre com agrado e digo que lá hei-de voltar um dia, a paixão que no laboratório de amator é observar as imagens que colhemos tornarem de novo à vida pela reacção das químicas da revelação e fixação. É uma realidade que foi e já não é ou ainda é? Resisto à citação de Barthes.

A fotografia nasce no século XIX e é desde logo uma conquista prodigiosa. Fixar primeiro em placas e depois em película que as técnicas foram aperfeiçoando o retrato de alguém ou a emoção de um horizonte onde o sol se esvai, era inicialmente quase um processo mágico. Ainda hoje há gentes que temem ser retratadas, como se a objectiva lhes captasse a alma.

O Jorge sabe como é difícil fotografar os aldeões de Castro Laboreiro, sempre sombras negras fugidias nos quotidianos gretados da montanha.

* Texto lido na sessão de apresentação de "Regressos", promovida pela Biblioteca Pública de Braga em 26 de Março de 1998.

Mas é que um bom fotógrafo pode mesmo captar a alma, a personalidade. É isso que distingue um bom retratista de um vulgar “a la minuta”!

A fotografia oitocentista começou por ser uma tentativa de fixar o real, mas o real não existe. O que para mim é uma verdade pode não o ser para outrém. Ora a fotografia nasce em simultâneo com uma das grandes aquisições teóricas do século XIX, o conceito de relatividade em história. E quase desde os seus alvares, fotografar deixou de ser apenas uma tentativa de captar um momento, um naco de realidade, podia ela própria ser objecto dessa realidade, transformando-a, recriando-a.

O passo seguinte é óbvio: a fotografia torna-se ela própria uma arte, um objecto de arte.

De um retrato “ao natural” (a legenda que perpassa abundantemente nas revistas do século passado, em fotografia ou gravura) o vulgar “retrato” torna-se criativo e passa também por ser um objecto estético.

Desde então a fotografia convive com os nossos quotidianos nessa dupla vertente de objecto documental e estético.

Duplicidade que a revolução informática tende de novo a alterar. A digitalização da imagem está à beira de revolucionar de novo a noção que hoje ainda temos da fotografia. Armados de uma boa versão do Photoshop e de um ainda que vulgar computador pessoal (com alguma Ram, é claro) e em poucos minutos, qualquer um de nós pode alterar num ápice o que, por exemplo, os falsificadores da história (para utilizar a expressão de Marc Ferro) levavam dias de penosa operatividade a conseguir. Refiro-me, é evidente, aos clássicos exemplos das diligentes polícias de Stalin que se encarniçavam em eliminar, por exemplo, as imagens de Leão Trotski dos negativos e das provas fotográficas dos dias decisivos da Revolução de Outubro. Apagando a imagem apagava-se a personagem e a sua história. Que força ganhara a fotografia!

Por isso mesmo, a fotografia pode ter uma força documental extraordinária e coexistir enquanto obra de arte e de puro objecto de prazer. Há uma secreta emoção quando nos revemos em imagens de há 20 ou 30 anos ou mais atrás.

E como há sempre um qualquer fascínio em rever imagens dos tempos do sépia, do “marron”, os velhos kodaks dos nossos avós. Era o tempo ainda das “figuras do espanto” (título quase ontológico, repescado a Baudelaire e Barthes e que Pedro Miguel Frade glosou nos seus ensaios “fotográficos” – “Antes da sua difusão exacerbada, e da sua transformação naquilo a que chamaremos sem complexos um *trust do imaginado*, a fotografia foi – essencialmente – objecto de espanto” (in P. M. Frade “Figuras do Espanto – A fotografia antes da sua cultura”, 1992, p. 13).

E mais, adoramos ver como as nossas cidades e os nossos campos se transformaram e são sempre de grande sucesso as exposições que consigam os mesmos planos de como era e como está. Recordo há alguns anos de visitar nesta mesma cidade de Braga uma exposição documental sobre o Funchal, cuja função era mesmo essa, dar a ver um Funchal em imagens do passado enquadradas no presente. Muito recentemente, o jornal “Expresso” nos seus 25 anos de vida (tão curta e já tão longe) utilizou os mesmos princípios para uma exposição documental revisitando nos mesmos enquadramentos o Portugal de há um quarto de século, nas vésperas de outra tão decisiva revolução. Como essas imagens nos remetem já para um tempo que nos parece tão afastado! Observar o desenrolar e a construção do tempo, por vezes a agonia de um sítio e de como isso pode ser uma experiência dolorosa e então a fotografia pode tornar-se um objecto nostálgico.

Nesta mesma Casa-Museu se guardam, entre outras peças de imagética fotográfica, uma colecção de negativos em vidro do grande etnólogo que foi Rocha Peixoto. Recordo-me da emoção que eu próprio senti ao reconhecer em algumas dessas chapas, paisagens e situações da Peneda-Gerês, desde a carvoeira de Castro Laboreiro, ao homem do bolivar do Lindoso, das paisagens e gentes da Ermida e do Barroso aos montanheseiros do Soajo. Algumas dessas fotografias reconhecia-as de um longo artigo ilustrado que R. Peixoto fizera publicar nas páginas dessa mítica “Portvgalia” que marcou a arqueologia e a etnografia portuguesas do virar do século. Outras, poucas, mantiveram-se inéditas, como a do momento da descoberta (situação de jazida) da Pedra dos Namorados. Eu mesmo utilizei e editei uma dessas imagens cheias de força que é a de um grupo de soajeiros frente ao seu emblemático pelourinho.

Para mim é isso a fotografia: um percurso e um encontro de emoções.

E é isso que o Jorge Barros nos consegue transmitir com estas suas (nossas) imagens. O Jorge não será de todo um fotógrafo documental (será que se justifica ainda este espartilho epistemológico?) – por isso não escolheu ser um exemplar fotógrafo de arqueologia (que o seria se quisesse), matéria sobre a qual muito trabalhei e divaguei com ele. É antes um perfeccionista do enquadramento e poderá ser um artista da luz, pois penso que isso se anuncia. Mas eu gosto dos kodaks do Jorge (estas provas quadradas ao gosto das velhas 6x6). E sei que um dia hei-de mesmo gostar mais. Quando o Jorge persistir e for em absoluto um artista da luz. Nesse dia gostarei tanto das sensações de retina e cortina do Jorge, quase como hoje me maravilho das pinturas de Vermeer, Rembrandt e Turner, os mais sublimes pintores da luz. Por isso, se me é permitido, recomendo ao Jorge que explore mais a temática sensorial como a da foto da página 21.

Neste livro o Jorge optou pelo claro-escuro, ou melhor, pelo matizado dos cinzentos que, ao contrário do que muita gente ainda pensa, não é um arcaísmo nem um snobismo, mas uma via de figurar emoções e ambientes e certamente a melhor maneira de transmitir personalidades, de retratar interiores. O meu melhor retrato, em minha modesta e narcísica opinião, fê-lo o Jorge. Talvez ele nem se lembre. Mas nunca psicologicamente me vi tão agudamente figurado, como nesse jogo de claros-escuros que um arrufado sol de inverno em Braga ajudou a enroupar.

Bom, é isso que o Jorge sabe fazer e é em parte isso que hoje nos apresenta neste seu primeiro e certamente desprezioso livrinho. Sei que o Jorge há muito desejava e temia este momento. É que ligar a fotografia (de um tempo sem tempo) ao livro, é apostar nos imperecíveis da forma impressa e aliarmos duas das mais prodigiosas conquistas da nossa civilização. Não sei que seria da minha vida sem livros – certamente uma completa inutilidade. Não sei também qual seria a visão do nosso tempo sem o poder que hoje temos de captar imagens e encapsular e transmitir realidades. É bom que artistas do retrato e da paisagem como o Jorge Barros nos enriqueçam com a sua própria representatividade do mundo plural que nos foi dado viver. Já era tempo do Jorge se desinibir.

Sei que este livrinho teve uma gestação difícil. Eu próprio, talvez apressadamente, rabisquei então um texto que o Jorge amavelmente insistia servisse de intróito às suas belas imagens, como se estas disso tivessem necessidade. Palavras quentes de nostalgia, prolongamento de outros peregrinares que juntos realizámos em quase 20 anos de comunhão no Parque Nacional da Peneda-Gerês e da pluralidade de encontros e conversas que permitem os dias maduros e as longas noites serranas. Fomos então espectadores privilegiados, seguramente actores involuntários, da última e talvez derradeira transformação do mundo rural que era a Peneda-Gerês. Continua hoje o Jorge actor privilegiado nesses horizontes de eleição e daqui o desafio a que refine ainda mais a sua grande sensibilidade de fotógrafo de emoções – este livrinho vale por isso, mas toca-me essencialmente a galeria de retratos das últimas páginas – e nos prendaie tão breve quanto possível com o livro de fotografias que a Peneda-Gerês nunca teve. Por mim terei todo o prazer em continuar a ilustrar com palavras o pensamento das suas imagens.

Por ora o sabor da amizade é quanto basta do passado presente.

Dixit.